

OS PESCADORES DO RIO MURIAÉ: UMA ETNOGRAFIA DE CONFLITOS EM ITALVA-RJ

MURIAÉ RIVER FISHERMEN: AN ETHNOGRAPHY OF CONFLICTS IN THE CITY OF ITALVA-RJ

LOS PESCADORES DEL RIO MURIAÉ: UMA ETNOGRAFIA DE CONFLICTOS EN ITALVA-RJ

Matheus Pereira de Andrade¹

RESUMO

No início do século XXI, o rio Muriaé e toda a bacia hidrográfica do Norte-Fluminense receberam o impacto do derramamento de milhões de litros de rejeitos do beneficiamento da bauxita em Cataguases-MG, o que causou a suspensão temporária do fornecimento de água para centenas de milhares de pessoas e trouxe transtornos para a fauna e a flora da região. Há também o derramamento *in natura* de esgoto que o sistema lacustre recebe, diariamente, dos municípios pelos quais passa. O impacto de tais eventos se faz sentir na região e o objetivo desta pesquisa é o levantamento de informações atuais sobre a pesca artesanal praticada no rio Muriaé na cidade de Italva-RJ, compreendendo-a a partir de uma perspectiva processual e relacional que considera a importância dos conflitos que caracterizam a atividade.

Palavras-chave: Conflito; Dramas Sociais; Antropologia da Pesca.

ABSTRACT

At the beginning of the 21st century, the Muriaé River and the entire North Fluminense river basin were impacted by the pouring of millions of liters of bauxite beneficiation tailings at Cataguases-MG, which caused the temporary suspension of water supply to hundreds of thousands of people and brought inconvenience to the fauna and flora of the region. There is also the *in natura* sewage spill the lake system receives daily from the municipalities through which it passes. The impact of such events is felt in the region and the purpose of this research is to gather current information on artisanal fishing practiced in the Muriaé River in Italva city, understanding it from a procedural and relational perspective that considers the importance of conflicts which characterize the activity.

Keywords: Conflict; Social Dramas; Fisheries Anthropology.

RESUMEN

A principios del siglo XXI, el río Muriaé y toda la cuenca del río Fluminense Norte se vieron afectados por el vertido de millones de litros de relaves de beneficio de bauxita em la ciudad de Cataguases-MG, lo que provocó la suspensión temporal del suministro de agua a cientos de miles de personas, y trajo inconvenientes a la fauna y flora de la región. También existe el vertido de aguas residuales *in natura* que el sistema de lagos recibe diariamente de los municipios por los que pasa. El impacto de tales eventos se siente en la región y el propósito de esta investigación es recopilar información actual sobre la pesca artesanal practicada en el río Muriaé en la ciudad de Italva, entendiéndola desde una perspectiva procesal y relacional que considera la importancia de los conflictos que caracterizan la actividad.

Palabras-clave: Conflicto; Dramas Sociales; Antropología de la Pesca;

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

1. INTRODUÇÃO

A atividade da pesca artesanal tornou-se de grande importância para observação científica dos fenômenos sociais. O quadro de avanço das estruturas metropolitanas tem suscitado alterações de sociabilidade e práticas em grupos considerados “tradicionalistas”. As atividades industriais têm afetado constantemente o espaço físico de forma ampliada, lesando a dinâmica regional. Cada vez mais pesquisadores das Ciências Sociais vêm dedicando sua produção acadêmica à temática (COLAÇO, 2015; COLAÇO; VOGEL: 2005; VALPASSOS, 2006; VALPASSOS, 2015; MELLO; VOGEL, 2017; KANT DE LIMA, 1997; PRADO, 2002).

As questões que incidem sobre as atividades pesqueiras são diversas, seja a pesca oceânica, que sofre com a exploração da produção de petróleo e gás, seja a pesca pluvial, que lida com os efeitos do despejo de rejeitos. Além disso, há obras de saneamento que afetam igualmente os sistemas lacustre e fluvial – como é o caso das obras promovidas pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS). Assim, também as políticas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), no que diz respeito ao período de defeso devem ser problematizadas, pois nem sempre se adequam à realidade local.

Os pescadores do rio Muriaé, em Itaboraí-RJ, apresentam conflitos sociais os quais são consequências diretas dos avanços modernizadores, já que a modernidade tem alterado as atividades sociais, em especial aquelas que dependem, diretamente, do meio ambiente. Para Giddens (1991), esse processo produziu modos de vida que romperam com os tipos tradicionais de ordem coletiva, destarte, as transformações foram extensas e profundas. Como um reflexo disso, as indústrias modernas operam sob a lógica do “risco calculado” e nós, enquanto sociedade, esperamos sempre que os resultados saiam como o esperado. Entender o risco por trás das atividades de uma mineradora, por exemplo, nos coloca frente a uma ameaça que pode desregular a vida comunitária como um todo. Foi o que aconteceu a partir do dia 10 de janeiro de 2007, quando o rio Muriaé e toda a bacia hidrográfica do Norte-Fluminense receberam o impacto do derramamento de milhões de litros de rejeitos do beneficiamento da bauxita em Cataguases-MG. A contaminação causou a suspensão temporária do fornecimento de água para centenas de milhares de pessoas e trouxe transtornos para a fauna e a flora da região.

Isto posto, este artigo visa discutir os impactos sociais oriundos desse evento. Essa pesquisa é desenvolvida a partir das considerações metodológicas da Escola de Manchester na

antropologia social. Não existe, até o momento, pesquisa das Ciências Sociais sobre os pescadores do Rio Muriaé em Italva-RJ. Compreender a pesca artesanal ali praticada pelo viés etnográfico possibilita destacar os desafios enfrentados por um grupo social frente ao avanço modernizador gerado pela exploração da bauxita.

O artigo será estruturado da seguinte forma: após a explanação da metodologia utilizada, apresentarei o contexto local e os atores. Em seguida, demonstrarei os problemas ambientais vivenciados naquela realidade local, e, posteriormente, falarei sobre dramas sociais.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa se inspira em estudos antropológicos que têm no exercício da observação sistemática e entrevistas abertas as principais técnicas no processo de construção de seu corpus etnográfico. A pesquisa trabalhou com a abordagem teórico-metodológica proposta pela chamada Escola de Manchester (Inglaterra, 1950-1970). Em reação à construção de modelos em equilíbrio prevaletentes na época, os autores dessa escola – como Gluckman (1987), Mitchell (1969), Van Velsen (1967) e Turner (1980; 2008; 2015) - propuseram uma análise na qual se privilegia a observação dos processos, contradições, conflitos de normas, manipulação de regras, ações e interações de indivíduos que vivenciam as relações sociais do grupo.

Através do *extended-case method*, a Escola de Manchester concentra sua atenção sobre uma série de casos e incidentes ligados às mesmas pessoas ou grupos, verificando no decorrer de um período de tempo como esses casos se inserem no processo de desenvolvimento das relações entre tais pessoas e grupos. Dentro dessa perspectiva, a pesquisa busca reunir casos inter-relacionados sobre os dramas vivenciados pelos pescadores do rio Muriaé. Trabalho, também, com entrevistas informais a fim de selecionar um número limitado de pescadores com diferentes opiniões e que vivenciaram situações dramáticas. A partir da seleção de algumas famílias, busco trabalhar com a técnica da história de vida para alcançar uma dimensão rica e viva desse processo. Informo também que os nomes aqui utilizados são fictícios, para preservar a privacidade dos informantes.

Foram realizadas quatro entrevistas em modelo semiestruturado, com dois pescadores esportistas² e dois pescadores de tarrafa e rede. Com os pescadores de anzol, que foram

² Apesar de também encontrarmos o termo “pescadores esportivos”, mantive aqui conforme os interlocutores se autoqualificaram.

aqueles com os quais eu mais tive acesso, realizei entrevistas informais alternadas com o dia a dia do campo – que ocorre desde 2017, ano de início dessa pesquisa. As primeiras informações coletadas e toda problemática inicial surgiu com as discussões com os pescadores esportistas. Eles me atentaram para a problemática ambiental e as dificuldades que eles enfrentavam. Lentamente, pesquisando com o pouco que existe sobre a história do rio Muriaé e a cidade de Italva-RJ, seguido dos intensos diálogos e o trabalho campo, fui percebendo que essas narrativas eram atravessadas por um drama social que alterou toda a dinâmica local e potencializou outros dramas sociais.

3. OS ATORES E O CONTEXTO LOCAL

3.1 A CIDADE DE ITALVA

O município de Italva está localizado na região noroeste do estado do Rio de Janeiro, a 341 Km da capital. É uma cidade pequena, e segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apresentou 14.063 habitantes, com uma densidade demográfica de 47,86 hab/km². A população residente é de maioria católica, seguida de evangélica e uma minoria espírita. Há duas indústrias na cidade, a Calcário Paraíso – com a produção de cimento - e a Bella Vita – que produz laticínios. Além disso, a economia local é movimentada pelo comércio, feiras rurais (de produtos agrícolas e da venda de peixes, produzidos e capturados no local) e serviço público, com vagas ofertadas pela prefeitura municipal.

O rio Muriaé é o único que corta o município, e incide sobre uma parte física, provocando uma divisão territorial em duas partes. De um lado estão três bairros (Saldanha da Gama, Parque Industrial e Morro da Caixa D'água) e dois distritos ainda em zona urbana (Cimento Paraíso e Guarniere); do outro estão oito bairros (Morro Grande, Saudade, Nova Cidade, Centro, São Caetano, Alto da Boa Vista, Calcário e Ilha da Palha).

A pesca, uma atividade tradicional na cidade, ocorre em diversos pontos da geografia itavense, inclusive em regiões de formação de ilhas. Os pescadores de anzol trabalham à margem do rio Muriaé e podem ser vistos da ponte que liga os dois lados da cidade. Já os pescadores de rede e tarrafa podem ser vistos em canoas, que ficam ora no meio do rio, ora nos lugares secretos. Assim, toda a margem do rio se configura um espaço de pesca para a população.



Fonte: www.italva.rj.gov.br, 2018

3.2 ÀS MARGENS DO MURIAÉ

O rio Muriaé nunca foi para mim uma completa novidade, pois me dou conta que cresci observando-o. Sempre morei à beira-rio, e não foram poucas vezes que minha mãe acordava aos prantos depois de uma longa chuva de verão que inundava nossa rua e chegava até a nossa casa. Apesar disso, de todas as memórias e preocupações, nunca pensei em estudá-lo, direta ou indiretamente.

Em que pese o nome, o rio não nasce na cidade de Muriaé-MG, na Zona da Mata, a menos de 100 Km de Italva, como poderíamos pensar, mas em Mirai-MG. É formado pela confluência dos rios Samambaia e Bom Sucesso, cujas bacias se localizam também em Mirai. Ele somente passa a ser denominado Muriaé quando se encontra com o rio Santo Antônio, na Serra das Pedras, a 300m de altitude. Recebe o rio Glória, a cerca de 5km a jusante da cidade de Muriaé, e, seguindo para o leste, recebe as águas do rio Carangola.

O rio Muriaé passa por dezenove municípios mineiros e sete fluminenses, tendo uma área de drenagem de aproximadamente de 8.200km². Porém, poucos municípios banhados por ele têm mais de 20 mil habitantes, sendo os mais representativos os municípios de Itaperuna-RJ, com estimativa de 103.224 habitantes (IBGE, 2019) e Muriaé-MG, com população estimada em 108.763 (IBGE, 2019). A cidade de Italva, por exemplo, apresenta cerca de 15.207 habitantes, segundo estimativas do IBGE (2019).

Italva, apesar de receber esse nome hoje em dia, conserva em seu histórico o rio Muriaé como um ator importante de sua história. Durante os anos 1870, a cidade recebeu o seu primeiro nome, Santo Antônio das Cachoeiras, remetendo às formações caldasas encontradas no rio. Além disso, o rio sempre foi, e ainda é, um fator importante para o

desenvolvimento da cidade, não só por causa do abastecimento de água, mas também por possibilitar a atividade econômica da pesca e ser um elemento central na estrutura social – pois é um recurso em disputa por diferentes grupos, como os produtores rurais, pescadores, mineradores, moradores e empresas.

3.3 A PESCA

Os pescadores do rio Muriaé se classificam, na maioria dos casos, como esportistas, ou de anzol, e/ou de tarrafa e/ ou de rede. A divisão classificatória é para além do campo teórico, pois os pescadores esportistas, como assim se denominam, entendem a pesca em outro sentido que diferirá, por exemplo, dos demais pescadores (anzol, tarrafa ou rede). A pesca para eles é entendida como uma atividade esportiva, na qual operam sob uma lógica própria.

Romário, por exemplo, um pescador de tarrafa e rede, disse-me que considerava a pesca como um esporte, entendia como um momento de lazer e relaxamento. Por mais que ele visse a pesca desse modo, não era enquadrado como um pescador esportista, por não compartilhar das características de uma identidade social, pertencente a essa outra categoria.

Com isso, há uma subdivisão que aproxima os pescadores de anzol, tarrafa e rede entre si e que distancia os pescadores esportistas. A prática da pesca de anzol, por exemplo, não impossibilita que o mesmo pescador pratique concomitantemente a pesca de tarrafa ou de rede. Normalmente, mesmo que haja pescadores esportistas que acabem fisingando o peixe e levando para consumo, a prática da atividade difere substancialmente da pesca de anzol, por exemplo, que tem um caráter de execução mais fixo (os movimentos do pescador são reduzidos) do que a esportiva. Também cabe considerar que a pesca esportiva não é homogênea, mas opera sobre uma lógica comum. Por fim, devemos ponderar que as classificações não têm um grau de rigidez grande, podendo os pescadores percorrê-las totalmente durante sua vida pesqueira.

Imagem 2 – Os pescadores de anzol em Italva-RJ



Fonte: O autor, 2018.

4. PROBLEMAS AMBIENTAIS

Em 10 janeiro de 2007 houve o rompimento da barragem São Francisco, de responsabilidade da mineradora Rio Pomba Cataguases, e cerca de dois milhões de metros cúbicos de argila e lama misturadas com sulfato de alumínio e óxido de ferro vazaram para o rio Fubá, que deságua no rio Muriaé – um dos afluentes do rio Paraíba do Sul³. Essa barragem, todavia, já se mostrava em más condições desde muito tempo, quando em março de 2006 houve um vazamento de quatrocentos milhões de litros da mesma lama, que também atingiu o rio Muriaé, e deixou milhares de pessoas desalojadas. No ano de 2007, diversas cidades decretaram estado de emergência, suspenderam o fornecimento de água e a atividade pesqueira também foi suspensa – e permaneceu assim durante meses.

A Mineradora Rio Pomba Cataguases é a terceira maior produtora de bauxita no país - um minério de grande importância para a produção do alumínio. Ela tem uma coloração avermelhada e era extraída do rio Pomba e encaminhada para o município de Cataguases. Servia de matéria-prima em conjunto com o ácido sulfúrico, para a produção do sulfato de alumínio. O beneficiamento da bauxita ocorre com a utilização de soda cáustica, gerando como resíduo uma lama avermelhada, com alto nível de corrosão e toxicidade. Essa lama, portanto, era depositada nas barragens.

O caso da bauxita foi umas primeiras histórias que Gabriel, um pescador esportista da região, me relatou ao me apresentar a situação dos pescadores no rio Muriaé, em Italva-RJ. Ele descreveu que além do problema de a lama decantar, ela era tóxica “Lembro que era

³ O fato foi amplamente noticiado. Uma das mídias a cobrir o caso foi o G1.com, como lemos em <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/11/zona-da-mata-ainda-se-recupera-de-rompimento-de-barragem-ha-9-anos.html> . Acesso em: 24 out. 2019.

muito normal vermos na beirada do rio só peixe grande, mas muito fracos, só esperando morrer, sabe?!”. Não foi somente Gabriel quem retratou o incidente como um evento que alterou toda dinâmica do lugar. Romário, um pescador de tarrafa e rede, me disse, assim como Gabriel, que o volume de diversos peixes diminuiu, inclusive o do caximbau (também conhecido como cascudo) – que era muito comum por ali e um dos que movimentavam a economia da pesca.

Os casos de 2006 e 2007 modificaram profundamente a morfologia do rio Muriaé, pois causou a mortandade de diversos peixes e a extinção de espécies locais. Os pescadores do rio Muriaé em Itálva-RJ foram muito prejudicados por esse evento porque, além de ficarem sem pescar durante esse período, só receberam o auxílio financeiro do Estado anos depois. Muitos deles tiveram de migrar para outros empregos, como foi o caso de Romário, que teve de largar a vida profissional na pesca para ir trabalhar na construção civil. Desde então, um dos maiores dramas enfrentados é o baixo rendimento na pesca por aqueles que persistem em viver dela.

Além disso, dos vinte e seis municípios pelos quais o rio Muriaé passa, nenhum deles implantou até hoje um sistema de tratamento de esgotos. Dessa forma, há o despejo *in natura* de matérias orgânicas e coliformes fecais. Uma das consequências diretas provenientes desse despejo é que a matéria orgânica ao entrar em contato com o curso d'água leva à proliferação de bactérias. Há também a possibilidade de serem provocadas em pessoas e animais doenças que podem ser disseminadas pela veiculação hídrica, além do agravamento da escassez da água de boa qualidade. Segundo Cavinatto (1992), cada pessoa consome, em média, cerca de 200 litros de água por dia, resultando em 150 litros de esgoto. Dessa forma, a partir dos dados da Associação Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (AGEVAPP), que calcula que habitam cerca de 320 mil pessoas em torno do rio Muriaé, e considerando, idealmente, que cada um desses habitantes consome cerca de 200 litros de água por dia, então o rio Muriaé recebe cerca de 48 milhões de litros esgoto por dia, aproximadamente. Cabe ressaltar que esse cálculo não inclui o descarte de indústrias e nem de outras instituições que despejam dejetos no rio, contribuindo negativamente para as modificações químicas e físicas na água.

Tudo isso potencializou problemas como a eutrofização, que é o crescimento de macrófitas e algas na superfície do rio ocasionado pelo aumento dos depósitos de resíduos. A eutrofização acomete o Muriaé especialmente em épocas de seca, quando o volume do rio diminui. Sem a absorção de águas da chuva, o rio passa a receber somente rejeitos. Com isso,

aumenta-se o nível de fósforo e nitrogênio na água, que, quando em altas concentrações em águas superficiais, provoca o fenômeno. A eutrofização, segundo Smith e Schindler (2009), altera a turbidez da água, o seu sabor, odor, leva à redução do oxigênio dissolvido, provocando o crescimento excessivo de plantas aquáticas. Os pescadores sofrem com esses efeitos, pois, além da mortandade de peixes, há grandes dificuldades na pesca devido ao crescimento e difusão das macrófitas. Os pescadores do rio Muriaé em Italva nomearam esse problema de “tapete verde”.

Imagem 3 – O “tapete verde” em Italva-RJ



Fonte: O autor, 2019.

4. DRAMAS SOCIAIS E METÁFORAS

A metáfora do Drama Social é desenvolvida por Victor Turner, um antropólogo escocês, em sua obra *Schism and Continuity in an Africa Society: A Study of Ndembu Village Life*. É uma ferramenta que possibilita descrever e analisar os episódios em que se manifesta um conflito social e consiste em um modelo de quatro fases observáveis: a ruptura, a ampliação da crise, a regeneração e o rearranjo ou cisão (TURNER, 2008, p. 33).

A fase inicial do drama se dá com uma ruptura das relações sociais formais, que pode ser deliberada ou calculada por uma pessoa ou partido dispostos a protestar ou desafiar a ordem consolidada. A ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente. Após esse rompimento, o conflito se torna aberto e os antagonismos ficam em evidência, gerando uma

escalada da crise. Nesse momento, segundo o autor, as pessoas tomam partido, formam facções, exceto se o conflito, ou a ruptura, puder ser isolado dentro de uma área limitada. O que nos leva à terceira fase, a ação corretiva. Com o intuito de limitar a crescente crise, os líderes integrantes do grupo perturbado colocam em operação certos mecanismos de “ajuste” e regeneração. Esses mecanismos podem variar desde conselhos pessoais e julgamentos informais à maquinaria jurídica pública, ou rituais públicos. Estes, segundo Turner (2015), envolvem um “sacrifício” literal ou moral, expiando os “pecados” do grupo. A última fase consiste na reintegração do grupo social perturbado ou no reconhecimento do cisma irreparável entre as partes do conflito.

Assim, os dramas sociais representam sequências de eventos sociais que, do ponto de vista do observador, podem ser vistos como uma estrutura. Eles ocorrem em grupos de pessoas que compartilham entre si valores, interesses e uma história, e são processos políticos que envolvem a competição em torno de fins escassos, como poder, dignidade, prestígio, honra, etc., “através de meios particulares e da utilização de recursos que são também escassos – bens, território, dinheiro [...]” (id. *ibid.*, p. 14).

4.1 A EXPERIÊNCIA DRAMÁTICA

O caso da bauxita foi a grande experiência dramática que impactou toda uma dinâmica local. Não houve como não tomar conhecimento da ruptura da barragem em Minas Gerais, pois ela tornou-se rapidamente pública pelos efeitos visíveis da lama no rio e com a divulgação midiática. O rompimento da barragem sinalizava que houve um descumprimento claro de uma regra social de cooperação e de uma não ameaça ao ordenamento social. Dessa forma, o escalonamento da crise se deu por envolver diversos setores da sociedade civil.

Os produtores rurais precisaram desviar a água utilizada para irrigação, várias pessoas ficaram desabrigadas, os pescadores de toda a região suspenderam suas práticas. Na cidade de Miraflores - uma das primeiras cidade afetadas -, por exemplo, lojas, supermercados, postos de gasolina ficaram fechados por conta da sujeira e prefeitura vacinou em massa a população contra tétano e hepatite A. Milhares de pessoas ficaram sem água e a Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE) foi acionada como um dos mecanismos de ajuste. Ela entrou com um processo de medida indenizatória de perdas e danos contra a Mineradora Rio Pomba Cataguases e enviou agentes a fim de controlar a situação da água imprópria para o consumo. As diversas colônias de pescadores também entraram com um processo de pedido de indenização em defesa dos que foram afetados com a suspensão de

suas práticas. Aqui percebemos que logo após a ruptura, os mecanismos de reparação foram rapidamente acionados, forçando instituições e autoridades municipais a se manifestarem sobre o caso.

Houve também a assinatura de um Termo de Ajuste de Conduta firmado pelos Ministérios Públicos Federal e dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais com a Mineradora Rio Pomba Cataguases e os órgãos ambientais mineiros. O acordo era de que iam ser adotadas medidas para minimizar os danos, os riscos à população e ao meio ambiente. Foi assumido o compromisso que impedia a mineradora de realizar o beneficiamento da bauxita durante um período de 180 dias. A empresa de mineração foi condenada pelo Supremo Tribunal de Justiça a pagar as indenizações requeridas e foram propostas mais de três mil ações envolvendo a empresa e municípios, entre eles os mineiros Miraí e Muriaé. Mesmo com tais medidas, as modificações no meio ambiente foram tão profundas que afetaram toda a bacia do rio Paraíba do Sul, no qual o Muriaé desagua, como já expus.

Ainda cabe dizer que, no caso dos pescadores de Italva-RJ, a estrutura social foi profundamente modificada. Eles ficaram cerca de um ano sem pescar, até que houvesse uma recuperação parcial do rio, e mesmo quando os riscos de contaminação foram reduzidos, os peixes – tanto em quantidade, tanto em espécie – foram dizimados. A água turva com coloração barrenta e a ausência de peixes indicavam para muitos daqueles homens que sobreviviam da pesca que agora precisariam de buscar sua renda em outras atividades.

O caso da bauxita provocou o grande esvaziamento da pesca profissional – aquele que vive da pesca. Hoje, mesmo com o rio em vias de recuperação, ouço depoimentos como o de Romário: “Não é como antigamente, para viver da pesca hoje é preciso ter coragem”.

Apesar de todas as medidas corretivas, a estrutura física do rio foi profundamente abalada e não houve medidas práticas de recuperação do sistema lótico⁴ a longo prazo. O cisma foi irreparável e alguns dos grupos atingidos ainda não voltaram à normalidade de suas vidas, como no caso dos pescadores do rio Muriaé em Italva-RJ.

5. CONCLUSÕES

Vimos aqui que a atividade pesqueira em Italva-RJ é perpassada por uma experiência dramática que modificou profundamente a dinâmica social. O caso da bauxita causou alterações irreparáveis no rio Muriaé, danificando a fauna e a flora das regiões envolvidas.

Somado a isso, o despejo frequente de esgotos na bacia do rio Muriaé tem agravado

⁴ Ecossistema definido pela presença de água em movimento.

ainda mais a situação, incidindo não somente sobre as espécies de peixes ali presentes, mas também em toda a qualidade da água do rio. Os pescadores são diretamente afetados por esses eventos, especialmente aqueles que tiram dessa atividade sua subsistência e renda.

Além disso, o esvaziamento da pesca profissional está diretamente associado aos problemas ambientais ocorridos, não somente por causa da suspensão temporária das atividades pesqueiras naquele momento, porém, por conta do desequilíbrio ecológico gerado.

Cabe ressaltar que as bacias hidrográficas estão interligadas, são sistemas que se comunicam e as alterações ocasionadas por aqui incidirão sobre os afluentes. No caso desses distúrbios, vemos uma ampliação sistemática da crise, afetando diversos atores que disputam aquele recurso, ocasionando a experiência dramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVINATTO, V. M. **Saneamento básico**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

COLAÇO, José; VOGEL, Arno. **O Duro, a Pedra e a Lama: A etnotaxonomia e o artesanato da pesca em Ponta Grossa dos Fidalgos**. Antropolítica (UFF), Niterói, v. 19, p. 165-189, 2005.

COLAÇO, José. **Quanto Custa ser Pescador Artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

GIDDENS, Anthony. **Consequência da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GLUCKMAN, Max. **Análise de uma situação social na Zululândia moderna**. In.: FELDMAM-BIANCO (org.) *Antropologia da Sociedade Contemporânea. Métodos*. São Paulo: Global, 1987.

IBGE. **Cidades**. [2019]. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 out. 2019.

KANT DE LIMA, Roberto. **Pescadores de Itaipu. Meio ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 1997.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. **Gente das Areias - História, meio ambiente e sociedade no litoral brasileiro**. Niterói: EDUFF. 2017.

MITCHELL, J. C. **Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969.

PRADO, Simone Moutinho. **Da Anchoa ao Salário Mínimo – Uma Etnografia sobre Injunções de Mudança Social em Arraial do Cabo**. Niterói: EDUFF, 2002.

SMITH, V. H.; SCHINDLER, D. W. **Eutrophication science: where do we go from here? Trends in Ecology and Evolution**, 24: 201-207. 2009.

TURNER, Victor. **Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**.

Niterói: EDUFF, 2008.

TURNER, Victor. **Social Dramas and Stories about them.** In.: *Critical Inquiry*, v. 1, n. 1. AUTUMN, 1980.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. **Quando a Lagoa Vira Pasto: Um Estudo Sobre as Diferentes Formas de Apropriação e Concepção dos Espaços Marginais da Lagoa Feia – RJ.** Dissertação apresentada como requisito para a conclusão do curso de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. 139. p. 2006.

VALPASSOS, Carlos Abraão Moura. **Apresentação do Dossiê “Organización y conflictos en torno a la actividad pesquera”: Uma atividade boa para pensar: notas sobre pescadores e pescarias.** *Ava: Revista de Antropologia da Universidade Nacional de Misiones.* Argentina: Ed. da UNM, v. 26, p. 55-59, 2015.

VAN VELSEN, J. **The Extended-Case Method and Situational Analysis.** In: A. L. EPSTEIN (ed.) *The Craft of Social Anthropology.* London: Tacistock, 1967.